



Cinquenta anos após o fim da Guerra da Coreia, dois dos mais poderosos exércitos do planeta se defrontam na linha do cessar-fogo. Se eclodir outro conflito entre as duas Coreias, ele começará ali.

*Por Tom O'Neill
Fotos de Michael Yamashita*

Por volta de 18 mil dias após o cessar fogo entre as Coreias do Sul e do Norte, o dia começa como a maioria dos outros dias - com os militares se preparando para a guerra. No frio cortante da escuridão que precede o amanhecer, 15 soldados da infantaria sul-coreana amontoam-se em uma estrada ao lado de um adormecido vilarejo rural enquanto cobrem seu rosto com pintura de camuflagem. Em seguida, encaixam os cartuchos com munição de verdade em seu fuzil de assalto M4. Conforme o vento, dá para ouvir débeis notas de uma música marcial, como se viesse de uma parada fantasmagórica, emitida por enormes alto-falantes instalados no outro lado da fronteira, já na Coreia do Norte. Após um sinal de mão do líder do pelotão, os soldados entram em formação sem nada dizer e se dispersam, desaparecendo nas trevas circundantes.

Eles têm a missão de patrulhar um pequeno trecho da Zona Desmilitarizada (ZDM), a disputada terra de ninguém que há meio século separa as duas Coreias. As luzes feéricas de Seul, a capital da Coreia do Sul, brilham a cerca de 50 quilômetros de distância, mas ali, na ZDM, com suas cercas, seus campos minados e postos de guarda, a única realidade é o espectral jogo de gato e rato no qual se empenham os soldados dos exércitos adversários. A cada 15 minutos, o encarregado do rádio sussurra a posição do pelotão ao posto de comando: uma estrada, um dique em um arrozal, agora a própria fronteira.

Quando o pelotão se aproxima de uma torre de observação norte-coreana, o líder faz sinal para que seus homens fiquem alertas. No caso das patrulhas mais bem-sucedidas, um soldado norte-coreano irá correr por entre os arbustos, disposto a desertar e revelar segredos de Estado. Já as patrulhas menos afortunadas podem ser alvo de disparos. Na pior das hipóteses, a precária paz na península coreana poderia ruir, desencadeando um confronto militar com milhões de vítimas fatais — para não falar na possibilidade de envolver a China, o Japão e outros países, levando o mundo à beira de uma guerra nuclear.

No caso das Coreias, não é difícil entreter tais pensamentos apocalípticos. Em um mundo repleto de locais explosivos — Caxemira, Chechênia, Cisjordânia -, a ZDM talvez seja a mais amedrontadora, quando se leva em conta o poder de fogo acumulado em ambos os lados. Ao longo de todos os 238 quilômetros da linha de trégua que divide a península coreana, centenas de milhares de soldados bem treinados de dois dos maiores exércitos do planeta (além de mais da metade dos 37 mil militares americanos na Coreia do Sul) encontram-se de prontidão, doutrinados por seus comandantes para odiar seus adversários ideológicos e nunca baixar a guarda.

Esse estado de emergência vem se arrastando desde 27 de julho de 1953, quando um armistício pôs fim a três anos de ferozes combates da Guerra da

Coréia. As origens desse conflito remontam ao final da Segunda Guerra Mundial: na época, a península foi dividida na altura do paralelo 38 pela União Soviética e os Estados Unidos, as nações aliadas que haviam expulsado da Coréia as tropas japonesas. Então, com a aprovação tácita de seu patrono soviético, os norte-coreanos lançaram uma invasão de surpresa em 25 de junho de 1950, com o objetivo de impor o regime comunista a toda a península. Em outubro do mesmo ano, a China, outra potência recém-convertida ao comunismo, entrou na guerra, despejando ondas de soldados na Coréia do Norte quando as tropas da ONU ameaçaram cruzar o rio Yaiu, na fronteira chinesa. Até 1953, as baixas chegaram a quase 900 mil soldados - além de mais de 2 milhões de civis mortos ou feridos.



SE OLHARES PUDESSEM MATAR, o número de vítimas cresceria dia após dia em Panmunjom, o único local em toda a ZDM no qual os soldados se aproximam de seus adversários. Uma sentinela norte-coreana (acima) tenta intimidar um oficial americano, membro da ONU, órgão encarregado de monitorar as discussões com a Coréia do Norte. De capacete, guardas da ONU (abaixo) vigiam o outro lado da fronteira - e, ao mesmo tempo, viram atração para os turistas chineses reunidos no alto de um edifício.



O fim da luta não acabou com as hostilidades. Para manter separados os adversários enfurecidos, o acordo para o armistício incluiu a criação da ZDM, uma faixa com 4 quilômetros de largura em território quase todo montanhoso e que cortava a península nas proximidades do paralelo 38. A ZDM foi concebida como área de segurança, na qual seriam proibidas grandes concentrações de tropas ou armamentos pesados. E bem no seu centro foi traçada a fronteira política, denominada Linha de Demarcação Militar (LDM). Na época, tal como agora, qualquer pessoa que tentar atravessar a LDM provavelmente será

abatida a tiros.

Até hoje, a Coreia do Sul e a Coreia do Norte não reconhecem uma à outra como nações soberanas. Na verdade, as duas ainda se encontram tecnicamente em guerra. E muitas vezes agem como se fosse assim. No final do ano passado, o governo na Coreia do Norte deu a entender que estava desenvolvendo um programa secreto de enriquecimento de urânio que poderia ser usado na fabricação de armas nucleares. No início deste ano, o país não apenas se retirou do Tratado de Não-Proliferação Nuclear como tenta reativar instalações para o reprocessamento de plutônio. Depois, em abril, em conversações com funcionários americanos em Pequim, autoridades norte-coreanas afirmaram que já dispunham de armas nucleares. Tais revelações deixaram alarmadas as tropas? "Na verdade, não", responde, com indiferença, um oficial americano baseado nas proximidades da ZDM. "Não há mais nada que possamos fazer em termos de segurança. Estamos no nível máximo."

De fato, até poder me juntar àquela madrugadora patrulha sul-coreana, tive de passar por vários postos de controle. Um deles fica na entrada da Zona de Controle Civil (ZCC), uma faixa de alta segurança, com largura de 5 a 20 quilômetros, que se estende por toda a Zona Desmilitarizada. Outra barreira protege a própria ZDM, na saída da base Bonifas, uma das guarnições militares mais a oeste na linha de frente. Os 600 soldados sul-coreanos e americanos ali baseados garantem a proteção de autoridades civis e militares que se dirigem a Panmunjom, local de encontro neutro na ZDM. Essa tropa, do Batalhão de Segurança do Comando da ONU, também serve hoje como precária linha inicial de defesa contra um ataque norte-coreano. "Somos comparados àqueles obstáculos nas estradas para que os motoristas reduzam a velocidade", reconhece, resignado, o capitão Brian Davis, meu guia.



Depois de obter permissão para entrar na ZDM e juntar-me à patrulha, subo em um Humvee, o veículo todo-terreno usado pelas tropas americanas. Enquanto rumamos para o norte, com os faróis desligados, o capitão Davis me empresta seus óculos de visão noturna (3,6 mil dólares cada), que fazem parte do equipamento de todos os soldados em posições avançadas.

Na imagem soturna e esverdeada do visor eletrônico, consigo distinguir a cerca da ZDM erguendo-se como uma muralha vegetal – uma barreira metálica com 3 metros de altura encimada por rolos de arame farpado. Uma espécie de dique de concreto, para bloquear o avanço dos tanques, acompanha a cerca no outro lado. Além dele, o terreno está todo minado. Torres de observação erguem-se a cada 100 metros. A cerca espinhosa divide a península em duas metades incomunicáveis.

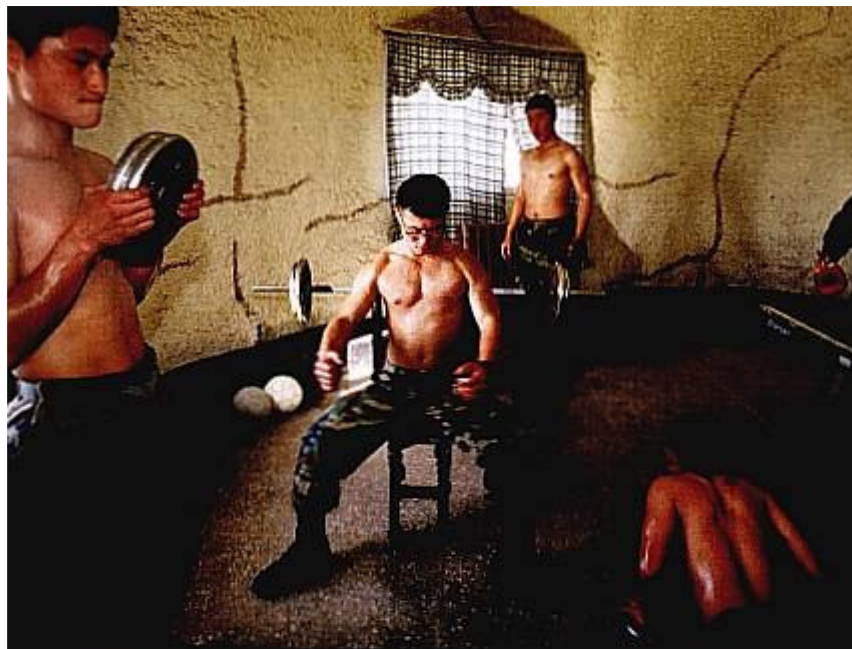


A fim de entrar na ZDM, passamos por um portão e logo avistamos o pelotão que se prepara para sair em patrulha. Rapidamente, besunto o rosto com tinta de camuflagem, tomo meu lugar na formação de soldados e partimos. Depois de uma hora de patrulha, quando o céu começa a clarear, todos se agacham e desligam seus equipamentos de visão noturna. Os instantes que separam a noite do dia são de extrema vulnerabilidade, e os soldados aguardam em posição defensiva até que seus olhos se acostumem à claridade. De nossa posição podemos ver as casas do vilarejo de Daeseong-dong, único povoado sul-coreano que restou no interior da ZDM. Não se vê luz nas janelas. Os 225 moradores são obrigados a manter um toque de recolher das 11 da noite até o amanhecer.

"Veja, ali está o inimigo", diz um soldado, indicando um posto de guarda de concreto, do outro lado da LDM, a menos de 50 metros de onde estamos. Vestidos com uniforme de cor marrom, norte-coreanos são visíveis junto às janelas, nos observando com binóculos e disparando suas câmeras como se fôssemos algum tipo de animal exótico. "Não tem problema. Queremos mesmo que eles nos vejam" murmura o capitão Davis. "Com isso, deixamos claro que estamos aqui, armados e não nos intimidamos com eles."

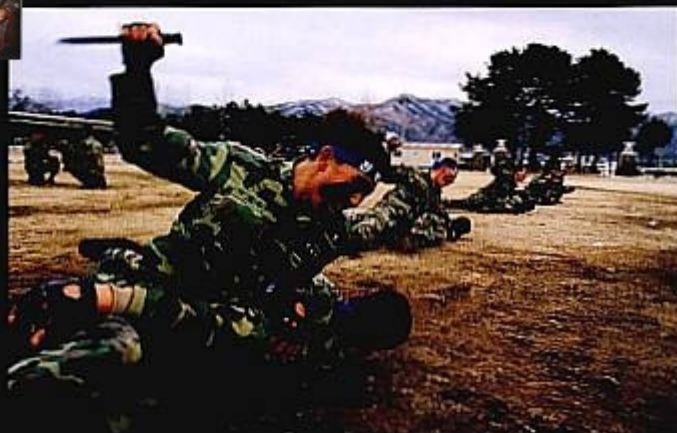
No início da manhã, também divisamos o único vilarejo norte-coreano na ZDM, Kijongdong, um bem-arrumado conjunto de prédios que tem à frente um gigantesco mastro de bandeira, o mais alto do mundo - com 160 metros de altura, equivale a um edifício de 52 andares. Vindo da Sibéria, o vento forte e gélido mal consegue enrugar a enorme e pesada (275 quilos) bandeira norte-coreana verde, branca e azul. Já me disseram que a revista para mercenários Soldier of Fortune está disposta a pagar bom dinheiro por um pedaço dessa bandeira.

A atitude desafiadora de nossa patrulha não desperta reação no vilarejo - pois sua população é zero. Os prédios de aparência elegante não passam, na verdade, de frágeis cenários de cinema com janelas pintadas. Kijongdong, batizada de "Vila Propaganda" pelas tropas adversárias, foi construída na década de 1950 como forma de atrair desertores para a boa vida na Coreia do Norte. Até hoje, ninguém aceitou o convite.



UM MUNDO MASCULINO

domina as guarnições militares ao longo da ZDM. Em um posto montanhoso, recrutas sul-coreanos (acima) ocupam seu tempo livre fazendo exercícios e jogando pingue-pongue. Um dia típico de treinamento inclui uma sessão de combate individual (abaixo) entre praticantes de arte marcial. No final do dia, na base Bonifas (à esquerda), oficiais americanos relaxam acendendo fogueira com restos de madeira, bebendo cerveja e contando histórias de combates.



As primeiras horas que passei na ZDM me permitem entender o modo como os militares encaram a situação: são os mocinhos contra os bandidos, e todos estão com os dedos no gatilho. Às vezes, porém, o estado de guerra ali parece estranhamente irreal, como se os soldados fossem afores em um imenso parque de diversões histórico - uma espécie de Disneylândia militar. Duas horas após o pelotão sul-coreano ter voltado ao quartel) vários ônibus de turismo estacionam na base militar, trazendo frívolos visitantes ansiosos por adquirir pedaços do arame farpado da ZDM incrustados em placas e bonés com o lema de Bonifas: "De Cara com o Inimigo".

Perto dali, os agricultores de Daeseong-dong seguem escoltados para as plantações de arroz. Apenas os descendentes dos que moravam no vilarejo antes da guerra receberam permissão para ali viver com sua família. Conheço Kim Ok Já, de pé à beira de um arrozal, vestida com um casaco acolchoado e enlameadas botas de borracha. "Quando mudei para cá, em 1972, fiquei apavorada com a idéia de viver tão perto da Coréia do Norte", diz a senhora Kim. "Acho que não tinha me dado conta de que esta é a linha de frente. Mas, pelo menos, sabia que meu marido era bom agricultor."

Agricultor competente e abastado, diga-se. Devido ao fato de as propriedades serem relativamente grandes (cerca de 9 hectares) e de haver isenção de impostos, os agricultores desfrutam de uma renda média de 53,6 mil dólares por ano, mais que o dobro do que recebem os plantadores de arroz no resto da Coreia do Sul. Os rapazes do vilarejo também estão isentos do serviço militar, compulsório para todos os homens coreanos. Há, porém, um preço para tudo isso: o toque de recolher, as escoltas armadas e as ameaças esporádicas por parte de agentes norte-coreanos infiltrados.

No interior de sua casa, em meio a rabanetes e pimentas que secam no chão, Kim Kyong Min conta-me como, poucos anos atrás, um pelotão norte-coreano raptou sua mãe e seu irmão enquanto os dois estavam coletando bolotas de carvalho. Eles ficaram detidos durante quatro longas noites. "Até hoje não sabemos por que os soldados os levaram", comenta o senhor Kim. "Felizmente, minha mãe foi bem tratada."

Nascido em Daeseong-dong, o sr. Kim não guarda ressentimento por causa do episódio. Também não se importa com as músicas e os slogans emitidos pelos alto-falantes instalados no território da Coreia do Norte. "Nem sequer noto isso", comenta. "Quer saber o que estão dizendo?" Seu olhar perde-se no espaço enquanto tenta entender a voz que vem do outro lado da cerca. "Ela diz: Aqui é o paraíso. Venha para cá e poderá comer um bom prato de arroz ". Ele volta a sorrir e serve uma xícara de chá.

Enquanto isso, na vizinha Seul, uma metrópole com 10 milhões de habitantes, aposto que, nessa manhã, ninguém está trancado em casa com medo das 500 peças de artilharia norte-coreanas apontadas contra a cidade. Em dezembro do ano passado, foi eleito para a Presidência do país Roh Moo-hyun, um ex-advogado que, em campanha, sugeriu que os Estados Unidos, ao manter tropas na Coreia e promover a retórica do "eixo do mal" adotada pelo governo Bush, estavam contribuindo para um distanciamento maior entre as duas Coreias. A eleição de Roh mostrou que muitos sul-coreanos querem se reconciliar com o que para eles não passa de um parente inofensivo, ainda que excêntrico e belicoso.

A 26 quilômetros no sul da ZDM, no interior de um reduto subterrâneo reforçado por 550 toneladas de concreto armado, o capitão Bill Brockman está sendo bem-sucedido na tarefa de deixar sua platéia apavorada com o outro lado da fronteira. Em uniforme de combate, o militar americano convidou um grupo de jornalistas para visitar o sala de comando da base Red Cloud, no vilarejo de ũijeongbu, com o objetivo de esclarecê-los sobre a capacidade militar dos norte-coreanos. "Estamos diante de uma força extraordinária, um dos maiores exércitos do mundo", diz Brockman. "A Coreia do Norte possui mais de 1 milhão de soldados, 70% dos quais estacionados a menos de 12 horas da fronteira. E estamos dentro da área de alcance de 10 mil peças de artilharia. Essa é uma potência de fogo que deixaria humilhados Napoleão e Stálin."



A ZONA DE PERIGO

não afeta a rotina de Chun Jong Sam e de sua família (acima) em Daeseong-dong, a única vila sul-coreana na ZDM. Seus 225 habitantes se acostumaram ao toque de recolher às 11 da noite – e aos guardas nas plantações de arroz (abaixo). Ao longe, ergue-se a vila norte-coreana batizada de Vila Propaganda – um cenário para dar idéia de prosperidade. Nas rodovias sul-coreanas, torres camufladas, as "armadilhas de tanques" (à esquerda), estão preparadas para explodir e bloquear o avanço inimigo.



Durante uma hora, Brockman detalha os recursos de que dispõem os norte-coreanos: submarinos para desembarque de tropas, túneis que passam sob a ZDM - quatro dos quais já foram descobertos -, células terroristas prontas para entrar em ação e, o mais assustador de tudo, de 700 i mil mísseis balísticos que poderiam ser equipados com armas biológicas, químicas e até mesmo nucleares. O alcance da ameaça norte-coreana pode se ampliar ainda mais, pois o país está aprontando mísseis de longo alcance capazes de atingir até a costa oeste dos Estados Unidos. "Em um conflito, nossos equipamentos acabarão por sobrepujá-los", diz Brockman, referindo-se às armas modernas das forças americanas e sul-coreanas, que contam com 690 mil soldados. "A vantagem do inimigo está na quantidade de homens. Eles poderiam avançar em ondas sucessivas."

Sem querer, o escudo de segurança da ZDM acabou preservando o maior trecho de terras não cultivadas da superpovoada Coréia do Sul.

Raros analistas militares acreditam que a Coréia do Norte irá lançar um ataque total. Isso seria uma atitude suicida, pois o contra-ataque provavelmente

transformaria em ruínas o país. Uma outra guerra na Coreia custaria a vida de talvez milhões de pessoas, sobretudo na região sul-coreana densamente povoada e economicamente importante que fica perto da ZDM. Por fim, mesmo sem o uso de armas de destruição em massa, o conflito criaria milhões de refugiados.

Porém, mesmo parecendo inconcebível uma nova guerra, o que mantém as tropas da ZDM em estado de alerta máximo é a grande ameaça da Coreia do Norte: a imprevisibilidade de seu líder. Kim Jong Il, um ditador reservado e implacável, que governa como divindade uma das sociedades mais fechadas de todo o planeta. Sob sua liderança, o país de 23 milhões de habitantes vem experimentando um caos: especialistas estimam que pelo menos 2,5 milhões de norte-coreanos morreram de fome na última década. Apesar disso, o país destina a maior parte de seus recursos escassos para o orçamento militar. Uma guerra pode vir a ser a cartada final do regime.

"Estamos literalmente à beira de uma situação que pode explodir a qualquer momento", conclui o capitão Brockman em sua palestra. "Caso ocorra um colapso econômico na Coreia do Norte, nosso temor é que seus líderes se vejam forçados a usar suas armas para manter-se no poder. Daí a questão: e se, em vez de desmoronar pacificamente, como a Alemanha Oriental, o país recorresse a medidas extremas?" A pergunta fica pairando no ar como uma nuvem radiativa.

A despeito dessa atmosfera carregada, confrontos efetivos ocorrem quase só no limite dos 800 metros do enclave de Panmunjom, o "vilarejo neutro" da ZDM. O incidente mais famoso foi em 1976: soldados norte-coreanos furiosos com uma operação de desmatamento junto a uma de suas torres de guarda, massacraram dois oficiais americanos com cabo de machado. Em 1984, houve um tiroteio de meia hora, quando tropas norte-coreanas cruzaram a linha ao perseguir um desertor. Ao longo de toda a ZDM, meio século de escaramuças custou a vida de 90 americanos, 394 sul-coreanos e pelo menos 889 norte-coreanos.

Também chamada de Área de Segurança Conjunta, Panmunjom é pouco mais que um conjunto de salas de reunião divididas pela LDM. Ali, há 50 anos, representantes militares da China, da Coreia do Norte e das Nações Unidas concluíram o acordo de armistício que finalmente encerrou a Guerra da Coreia. Atualmente, Panmunjom é o único local da ZDM em que autoridades da Coreia do Norte e do comando das forças da ONU se encontram para discutir questões militares, políticas e logísticas.

As regras do enfrentamento em Panmunjom privilegiam os jogos mentais, ou seja, a intimidação psicológica do adversário. De colinas opostas, cada um dos lados bombardeia o outro com músicas e mensagens patrióticas. No lado norte-coreano, um gigantesco cartaz alerta em caracteres coreanos que poucos americanos conseguem ler: "Yankee, go home" Certa vez, os norte-coreanos serraram os pés das cadeiras, de modo que seus adversários, à mesa de negociações, parecessem mais baixos e ridículos. Quando, em outra ocasião, os norte-coreanos chegaram para uma reunião com fuzis AK-47 mal disfarçados sob seus casacos, configurando a violação do armistício, oficiais americanos preferiram não desafiá-los. Em vez disso, divertiram-se aumentando o aquecimento da sala até uma temperatura equatorial, de modo a ver seus adversários – que não gostariam de ser desmascarados - sofrer e transpirar sob a pesada vestimenta invernal.

Nascido na Carolina do Sul, o tenente Charles Levine, um desengonçado rapaz que em 1998 abandonou um grupo de rock para entrar no Exército, é o meu guia para os jogos de guerra mentais de Panmunjom. A ocasião é de uma insólita "repatriação de corpos", no caso, os restos mortais de quatro norte-coreanos que haviam sido carregados de surpresa pelas águas dos rios até o território sul-coreano. Eram eles pescadores, soldados, espiões? Levine não me diz nada.

De uma janela observamos as autoridades da Cruz Vermelha sul-coreana entregar os ataúdes para os soldados da Coreia do Norte. Acompanho a cerimônia com dificuldade, no entanto. Não consigo desgrudar os olhos dos guardas norte-coreanos que nos fitam do outro lado da janela, perto o bastante para distinguirmos os broches vermelhos com o rosto de Kim Jong Il em seus uniformes. Seus olhares impassíveis me deixam incomodado. “Na condição de visitante, você está proibido de fazer qualquer gesto ou tentar se comunicar com os norte-coreanos. O que querem é provocar um incidente”, já me alertara o tenente Levine> Também noto que o major Kim, o oficial sul-coreano que já havia entrevistado, lança olhares chispantes para os norte-coreanos, que respondem na mesma moeda.

Não há como não se perguntar se eles ficam treinando esses olhares diante do espelho. Na verdade, os soldados enviados a Panmunjom são escolhidos justamente por sua aparência atemorizante. Todos os sul-coreanos aqui têm pelo menos 1,70 metro de altura, 5 centímetros a mais do que a média nacional. Além disso, também precisam ter faixa preta em artes marciais. Os americanos enviados a Panmunjom são selecionados assim que as novas levadas de recrutas desembarcam dos aviões na Coreia do Sul, privilegiando-se a altura - de preferência, 1,80 metro ou mais - e o porte físico. As sentinelas norte-coreanas não ficam atrás - mantêm uma inabalável postura ereta e um olhar metálico.

Fora da ZDM, o jogo é outro e o que conta são os armamentos pesados. Embora de nome inofensivo, a Zona de Controle Civil (ZCC) - uma área restrita que se estende por 1 530 quilômetros quadrados e faz fronteira com a ZDM - ferve de carros de combate, helicópteros de ataque, lançadores de foguetes e multidões de soldados em manobras. No interior da ZCC, por vezes sinto como se tivesse caído no meio de um golpe militar em andamento. Tanques rugem pelas ruas principais de pequenas cidades e soldados de infantaria marcham pelo acostamento de estradas rurais, acompanhados de jipes com metralhadoras pesadas. Ninguém acena.



Presença suspeita: Manifestantes investem contra os portões da base Casey, dos Estados Unidos. Os protestos eclodiram no final do ano passado (2002) após a libertação de soldados americanos envolvidos na morte de duas estudantes. Há cerca de 37 mil militares americanos na Coreia do Sul.

As tropas e os armamentos estão concentrados na região rural ao norte de Seul, nas áreas conhecidas como corredores de Munsan e Cheorwon - trechos largos de terreno nivelado que há séculos servem de rota para os ataques de norte a sul. Sobrevoando a região em um helicóptero de carga Black Hawk, dá para ver bases e arsenais do Exército sul-coreano em quase todos os vales e ravinas ao longo das margens da antiga rota de invasão. Os 15 mil soldados americanos da Segunda Divisão de Infantaria também estão estacionados ali, em 17 quartéis.

Durante uma semana, eu e o fotógrafo Mike Yamashita acompanhamos o treinamento das tropas para a guerra. Uma noite observamos helicópteros Apache, com mísseis antitanque, pairando sobre um vilarejo. Em outra ocasião, equipes de paramédicos treinam a retirada de feridos em macas sob rolos de arame farpado.

Durante a noite, helicópteros levam as tropas até uma região que os soldados têm a missão de neutralizar o inimigo encastelado nas posições mais altas (representado por soldados americanos com uniforme pelo avesso). Poucas horas antes do amanhecer eclode um tiroteio (com tiros de festim). Gritos e

xingamentos ressoam pelo ar enquanto um comandante de pelotão tenta orientar seus homens. Nuvens amareladas produzidas por bombas de fumaça envolvem uma estufa, expulsando de lá um agricultor, agora de verdade, curioso para saber o que era toda aquela confusão.

Ninguém dá a menor atenção ao pobre homem. Para os soldados, todos os civis parecem deslocados nas zonas de segurança, áreas geográficas definidas e controladas por militares. Para os generais, o terreno é apenas um campo de batalha. O topo das serras proporciona posições estratégicas de onde podem bombardear o inimigo. Os vales demarcam rotas de invasão dos carros de combate. Os rios servem como barreiras.

Em épocas recentes, contudo, outro tipo de olhar, o dos civis, vasculha com mais atenção a paisagem da ZDM. Nos fins de semana, sul-coreanos idosos vão até a ponte da Liberdade, sobre o rio Imjin, e fitam nostalgicamente, para além da ZDM, as montanhas mais próximas da Coreia do Norte. E o que eles vêem é uma pátria.

A Guerra da Coreia provocou a separação das famílias de mais de 7 milhões de pessoas, muitas das quais fugiram para o sul para não viver sob o regime comunista. Desde 1953, todas as possibilidades de comunicação - por correio, telefone ou viagens - foram bloqueadas pelo regime norte-coreano. Após uma reunião de cúpula em 2000, os líderes dos dois lados permitiram encontros breves e emocionantes para 1,2 mil famílias. Cerca de 100 mil outras já se inscreveram nas listas de espera. Atualmente, um desejo quase tribal de reunificação impregna a sociedade sul-coreana - um legado dos 13 séculos, interrompidos em 1945, durante os quais a Coreia foi uma entidade política unificada.

Esse anseio de reunificação afeta até mesmo os guardas que servem na ZDM. Nas montanhas centrais, o sargento Kim Seung Whan admite que o incomoda bastante a perspectiva de lutar contra os vizinhos norte-coreanos. "Eles são nossos irmãos", analisa ele, "e ao mesmo tempo são nossos inimigos. É algo dilacerante."

Os empresários também estão de olho na ZDM, vendo nas planícies costeiras, tanto a leste como a oeste da península, corredores de comércio e turismo. Recentemente, ambos os governos empenharam-se em limpar os campos minados no interior da ZDM, a fim de recolocar em funcionamento duas linhas ferroviárias que interligam o norte e o sul e estavam desativadas desde a guerra. Em fevereiro, foi inaugurada uma rodovia transfronteiriça para permitir que turistas sul-coreanos visitem o monte Kumgang, um grupo de picos sagrados em território norte-coreano.

O estado de guerra às vezes parece irreal, como se os soldados fossem atores em um parque de diversões histórico - uma Disneylândia militar.

A perspectiva mais atraente - e sonhadora -, contudo, é a dos ambientalistas. Para eles, as terras úmidas adjacentes aos cinco rios que atravessam a ZDM, assim como as montanhas Taebaek, uma luxuriante e labiríntica serra, com 1,5 mil metros de altitude, nas proximidades da costa oriental, poderiam tornar-se parques internacionais da paz, ecossistemas preservados e santuários da vida selvagem.

O escudo militar criado em torno da ZDM e de suas áreas de segurança acabou sem querer preservando a maior região de terra não cultivada - quase 2,5 mil quilômetros quadrados - de toda a Coreia do Sul, um dos países mais densamente povoados do planeta. A maioria das áreas selvagens, porém, permanece inacessível. Para conhecer as principais atrações da ZDM - duas espécies de raros grous asiáticos que invernam na bacia do rio Cheorwon -, os visitantes precisam antes solicitar permissão aos militares.

Até que se reduzam as tensões na fronteira, os únicos binóculos poderosos permitidos no interior da ZDM continuarão apenas nas mãos das sentinelas que ocupam centenas de postos de observação, e não dos aficionados por aves.

No topo de uma montanha varrida pelo vento e situada no trecho central da ZDM, um oficial sul-coreano empresta-me seus binóculos para que eu acompanhe os movimentos de dois soldados norte-coreanos que acabaram de sair de seu posto de vigilância. "Como não dispõem de nenhum tipo de aquecimento, acho que saíram para se aquecer ao sol!" comenta.

Nessa mesma área montanhosa, com a ajuda de um exército de um homem só - o biólogo amador Lim Sun Nam -, consigo afinal ver a ZDM como algo mais do que um imenso campo militar. Nos últimos cinco anos, Lim, um ex-câmera de TV, vem se dedicando a uma missão quixotesca: comprovar a existência, na Coreia do Sul, do tigre siberiano, o tradicional símbolo da Coreia unificada. Oficialmente, há 50 anos não se registra a presença desses tigres no sul da península. No entanto, ao percorrer sozinho durante meses a região ao norte de Hwacheon, apenas alguns quilômetros ao sul da ZDM, Lim descobriu indícios animadores: marcas na neve semelhantes a pegadas de tigres, troncos riscados por patas grandes, restos de porcos e vacas destroçados, relatos de moradores de vilarejos que ouviram urros "parecidos com o ruído de uma moto sendo acelerada".

Lim sobe apressado por uma encosta íngreme, pois quer trocar o filme e as baterias de uma câmera automática antes do pôr-do-sol. Ele a instalou no mesmo local em que encontrara várias vacas destroçadas. Lim não tem a menor dúvida de que uma família de tigres vive nessas montanhas. Seu sonho é convencer os militares a manter uma abertura de cerca de 500 metros na cerca da ZDM, permitindo assim que as populações de tigres do norte e do sul se encontrem e se acasalem. Antes, porém, precisa encontrar um tigre e registrar sua imagem em fotos.

Os relatos de Lim sobre esse animal e suas proezas caçadoras acabam me deixando inquieto em meio à escuridão que se adensa, pois meus nervos já estão abalados após semanas vivendo na atmosfera tensa da ZDM. Enquanto Lim camufla a câmera, noto um ponto de luz brilhante no topo da colina.

"É uma lanterna", consigo balbuciar, certo de que os militares estavam se aproximando em mais uma manobra noturna. "Não, meu amigo", diz Lim, rindo. "É só a Lua que acabou de aparecer." De repente, esqueço da ZDM. Essa noite estamos no território dos tigres. No meio de uma mata selvagem. Essa noite, por um instante, estamos em um lugar pacífico.



SINAIS CONFUSOS de guerra e paz na ZDM sul-coreana revelam um país dilacerado quanto à melhor forma de lidar com seu vizinho. Tanques em treinamento (acima) atravessam um rio perto de Seul, cidade que os norte-coreanos ameaçam transformar em um "lago de fogo". Apesar da tensão, houve um acordo para a reabertura de duas ferrovias transfronteiriças. Para celebrar o pacto, jovens representando as duas Coreias se abraçam na ZDM (abaixo), num pequeno passo para a reunificação de uma terra dividida.



RUMO AO NORTE

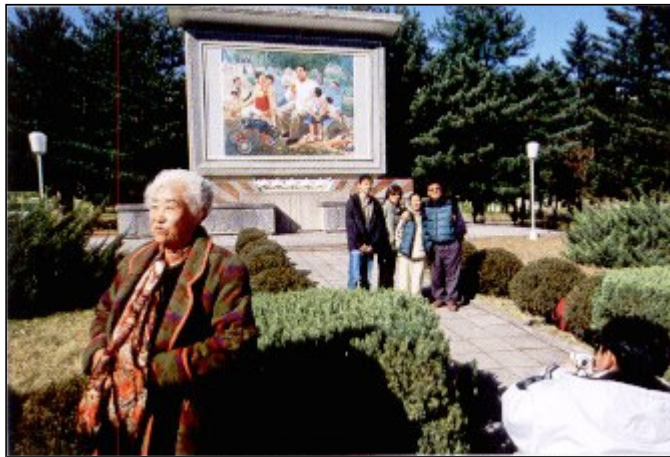
As autoridades norte-coreanas fazem questão de que os turistas em visita ao país carreguem pouca bagagem. Quando o barco Hyundai Seolbongho atracou no leste da Coreia do Norte, funcionários alfandegários confiscaram nossos gravadores, teleobjetivas, jornais, mapas e celulares. Mike Yamashita e eu estávamos prestes a entrar num país que se isolou do resto do mundo, e onde os visitantes são vistos como potenciais criadores de casos.



Quatro horas após sair de Sokcho, na Coreia do Sul, o barco, com 340 são para uma estada de três dias, a fim de visitar o monte Kumgang, um pico sagrado que, em 1998, foi aberto ao turismo por uma nação desesperada

por moedas estrangeiras. Era a chance de ver uma paisagem e um povo há muito inacessíveis. Mas a programação nos confinou quase todo o tempo em um mundo artificial criado pela Hyundai Corporation, o grupo sul-coreano que organiza o pacote turístico graças a uma concessão norte-coreana. Só me restou aproveitar os banhos quentes, admirar uma trupe de acrobatas e bebericar o licor Viper's Venom num restaurante para turistas.

O trajeto de ônibus até as montanhas era nossa única chance de vislumbrar cenas da vida cotidiana. Vimos agricultores cultivando arroz manualmente e famílias lavando roupa num córrego. A atmosfera era medieval.



Somente uma vez, ao caminhar por uma trilha à margem de um maravilhoso rio com águas verdes, pude conversar com um norte-coreano, um guarda-florestal. De maneira agressiva, ele me pergunta sobre as intenções dos Estados Unidos em relação à Coreia. "Nós odiamos os Estados Unidos", afirma por intermédio de meu intérprete. "Não somos maus, como diz seu presidente." Suas palavras ficam ressoando em minha cabeça. Essa é uma nação de 23 milhões de habitantes que suportam a pobreza e a fome em obediência a seus líderes, que recorrem a ameaças de ataques nucleares como forma de conquistar o respeito do mundo. A Coreia do Norte, vislumbrada de modo tão breve, parece-me bela, perigosa e triste.



Homenagens a Kim Il Sung, o primeiro presidente da Coreia do Norte, são comuns na área do monte Kumgang. Um poema ao "grande líder" ornamenta uma das trilhas (acima). Sua imagem constitui um pano de fundo para os sul-coreanos. Quando querem mudar de cenário, os turistas refugiam-se nos balneários (fotos mais acima).